

O DIA COBRA RECIBO

*escritos diários para caber
no tempo, no corpo e na cidade*

O DIA COBRA RECIBO

*escritos diários para caber
no tempo, no corpo e na cidade*

— , ; ! : ...

PONTO IMAGINÁRIO

Manuscrito digital gratuito · versão 1.0
Brasília · 2026

NOTA DE CIRCULAÇÃO

Livro gratuito.

Pode compartilhar livremente.

Não pode vender, editar nem reivindicar autoria.

Esta obra é disponibilizada gratuitamente para leitura e compartilhamento sem fins comerciais. A reprodução integral é permitida desde que preservados o texto, a autoria de Ponto Imaginário e esta nota de circulação. É vedada a venda, alteração ou apropriação comercial sem autorização.

*Para V.,
que aprendeu a ouvir meus silêncios,
entre uma frase e outra,
e me ensinou que também existe amor
em saber a hora de parar.*

*Para N. e G.,
que chegaram como quem acende a casa por dentro
e me inspiraram a começar de novo
sem pedir licença à dúvida.*

MANIFESTO

Pontografia Afetiva

O fragmento não é sobra.

É célula.

A pausa não é fraqueza.

É método.

O corpo não é obstáculo.

É mídia.

A cidade não é cenário.

É coautora.

A família não é intervalo.

É tecnologia ancestral de futuro.

O trabalho não é identidade.

É campo de disputa da alma.

A tecnologia não é destino.

É ferramenta em julgamento.

O autor não é origem.

É confluência.

O livro não termina.

Aprende a continuar.

Sumário

| | |
|--|----|
| Instruções para usar um livro que não obedece | 10 |
| — travessão · a cidade interrompe e recomeça | |
| Cidades com texto e alma | 15 |
| Brasília, cidade em branco | 20 |
| Plot trust | 24 |
| , vírgula · o trabalho respira mal | 27 |
| O dia cobra recibo | 28 |
| Reunião que devia ter sido silêncio | 33 |
| Pequena gramática da consultoria | 37 |
| O chão que não vai para o portfólio | 40 |
| ; ponto e vírgula · a tecnologia promete continuar | 43 |
| A Rodoviária é ponto e vírgula | 44 |
| A máquina não sonha por nós | 47 |
| O futuro é um vendedor insistente | 51 |
| Educação para problemas que ainda não existem | 55 |
| O dado que não queria ser dado | 59 |
| ! exclamação · o corpo transmite | 62 |
| Do jeito que der, a gente dança | 63 |
| Fisioterapia da alma | 68 |
| Velejar com o corpo | 72 |
| A carne suporta | 76 |
| : dois-pontos · alguma coisa precisa ser dita | 79 |

| | |
|---|-----|
| Antes que as palavras durmam | 80 |
| Sua Majestade, a Caneta | 84 |
| As letras dão as mãos | 89 |
| A menina que pintou o mundo de novo | 93 |
| Quando a vontade cria asas | 97 |
| ... reticências · o que continua depois da gente | |
| Sobre histórias, fogueiras e gentes | 102 |
| Pequeno inventário do que fica | 106 |
| Nota sobre máquinas, cortes e responsabilidade | 108 |
| Sobre Ponto Imaginário | 110 |



Instruções para usar um livro que não obedece

Este livro não nasceu livro.

Nasceu no bolso da calça, na tela rachada, no aplicativo de notas que nunca sincroniza quando a alma precisa. Nasceu em reunião comprida, semáforo fechado, madrugada sem plateia, aeroporto, exame médico, fila de farmácia, quarto de criança dormindo.

Nasceu onde quase tudo nasce hoje: no intervalo.

Não foi escrito de uma vez. Nem por uma só pessoa.

Ponto Imaginário é isso: uma multidão tornada sujeito. Ou, se preferirem, um indivíduo coletivo. Tem a voz do pai, a do funcionário, a do menino antigo, a do corpo que falha, a da cidade que buzina, a da máquina que devolve espelhos, a dos livros lidos, a da mulher que sabe quando é hora de parar, a dos filhos que inventam começo onde o adulto só via fim.

Escrever é sempre uma assembleia tentando caber numa assinatura.

Por isso este livro não acredita muito em pureza. Pureza é uma ideia perigosa, geralmente usada por gente que quer lavar o mundo até apagar suas marcas. Aqui não. Aqui tem mancha, rasura, resto de café, notificação, música inacabada, frase que veio bonita e depois ficou desconfiada de si mesma.

Leia como puder.

Pode começar pelo meio. Pode entrar por uma canção e sair por uma carta. Pode pular o ensaio e voltar nele quando a vida estiver mais paciente. Pode ler no ônibus, fingindo que está vendo mensagem. Pode ler antes de dormir, se o sono deixar. Pode abandonar por semanas e voltar sem culpa.

Livro bom não cobra fidelidade conjugal. Cobra presença.

Cada parte deste caderno tem um sinal de pontuação. Não é decoração. É ossatura.

A cidade fala por travessões — interrompe, empurra, abre caminho, fecha rua. O trabalho respira por vírgulas — uma tarefa, outra tarefa, outra tarefa, outra. A tecnologia vive de ponto e vírgula — promete terminar, mas continua. O corpo às vezes só sabe escrever exclamações. A família abre dois-pontos — depois dela, alguma coisa precisa ser dita. O futuro, esse bicho sem rosto, escreve em reticências.

Não procure uma história reta.

Linha reta serve para régua, ata e túmulo. A vida prefere curva.

Os textos aqui andam como quem atravessa uma cidade desconhecida: erram a entrada, reconhecem uma esquina, perguntam informação, desconfiam do mapa, param para um café, seguem mesmo assim. Alguns têm forma de crônica. Outros de ensaio. Outros de carta, canção, bilhete, quase oração, quase piada, quase pedido de socorro.

O quase é importante.

Quase é onde a literatura mora antes de virar endereço.

Este livro fala de cidade, trabalho, linguagem, tecnologia, corpo, doença, amor, família e futuro. Mas, no fundo, talvez fale de uma coisa só: a tentativa de continuar humano num tempo que insiste em nos transformar em senha, meta, dado, laudo, currículo, entrega.

Não há conclusão.

Conclusão é quando alguém fecha a porta por dentro e finge que entendeu a casa inteira.

Aqui há coda. A música termina, mas deixa uma vibração na madeira. A frase acaba, mas fica andando no corpo. O dia passa, mas cobra recibo.

E o rascunho — esse animal teimoso — continua respirando.

» *contexto é poder*

» *o corpo revisa o plano*

» *amor também é infraestrutura*

» *nada termina quando aprende a virar canto*





TRAVESSÃO

a cidade interrompe e recomeça

Cidades com texto e alma

ensaio para atravessar uma rua sem perder a frase

Toda cidade é um livro que ninguém terminou.

Há cidades escritas com pressa, como bilhete deixado na geladeira. Há cidades escritas por engenheiros que nunca perderam um ônibus. Há cidades com letra bonita e coração duro. Há cidades que parecem saber acolher, mas só acolhem quem já chegou autorizado.

Nenhuma cidade é neutra.

O semáforo manda. O muro separa. A placa adverte. A vitrine seduz. A calçada escolhe quem passa e quem tropeça. O banco da praça decide, em silêncio, quem pode descansar sem parecer suspeito.

A cidade fala o tempo todo.

O problema é que nem todo mundo tem legenda.

Quem tem dinheiro lê a cidade em fonte grande. Quem não tem, decifra miúdo, no escuro, juntando sílabas de sobrevivência: o ponto de ônibus quebrado, a rua sem sombra, o beco sem luz, o aplicativo que não chega, a viatura que chega demais.

Chamam isso de urbanismo.

Às vezes é apenas gramática do poder.

(você sabe exatamente de que cidade estou falando.)

Uma vez, numa dessas conversas em que o futuro aparece no telão antes de aparecer na calçada, ouvi alguém dizer que as cidades também usam pontuação.

Gostei da ideia. Desconfiei dela. Depois não consegui mais desver.

As pontes são hífen: aproximam pedaços que nasceram brigados. Os viadutos são travessões: passam por cima do assunto sem resolvê-lo. As esquinas são vírgulas: pequenas pausas antes do risco. Os túneis são dois-pontos: depois deles, alguma coisa muda. As torres são exclamações: querem ser vistas, mesmo quando não dizem nada. As rotatórias são interrogações: para onde, afinal, a gente está indo? As praças são pontos finais provisórios: a cidade senta um pouco para não enlouquecer.

Mas a pontuação urbana não é só desenho.

É disputa.

Quem decide onde cabe uma vírgula decide quem pode respirar. Quem impõe ponto final decide quem deve parar. Quem ergue parênteses decide quem será tratado como assunto secundário. Quem desenha travessões decide o que será interrompido — e por quem.

Toda cidade tem autoria.

A questão é: quem assina?

O arquiteto assina. O prefeito assina. O mercado assina. O banco assina. A construtora assina. O aplicativo assina. O algoritmo começa a assinar também.

Mas há outras assinaturas, menos visíveis.

A do gari que sabe onde a rua amanhece suja. A da feirante que reorganiza a calçada pelo cheiro da fruta. A da criança que transforma um canto inútil em território de brincadeira. A da mulher que muda de caminho à noite para continuar viva. A do entregador que conhece a cidade pelo buraco. A da pessoa velha que mede a dignidade de uma avenida pela distância entre dois bancos. A da pessoa com deficiência que descobre, no próprio corpo, onde o projeto mentiu.

Essas assinaturas raramente vão para a placa inaugural.

Mas são elas que revisam a cidade todos os dias.

Uma cidade cheia de sensores pode continuar analfabeta de povo.

Pode contar carros e não contar cansaços. Pode medir fluxo e ignorar medo. Pode instalar câmeras onde falta árvore. Pode chamar de inovação aquilo que é só abandono com internet.

Cidade inteligente de verdade não é a que coleta mais dados. É a que distribui mais dignidade.

E dignidade, convém lembrar, não é aplicativo.

É calçada inteira. É sombra. É água. É banco. É ônibus que passa. É praça sem expulsão. É criança podendo brincar sem pedir desculpa à especulação imobiliária.

O futuro urbano não precisa apenas de arquitetos, prefeitos, investidores e painéis coloridos.

Precisa de quem espera. De quem varre. De quem atravessa. De quem perde tempo para que os outros chamem de progresso. De quem sabe onde alaga antes do satélite. De quem sente no corpo a falha que o relatório ainda não aprendeu a nomear.

A cidade não pode continuar sendo biografia de meia dúzia de sobrenomes.

Intervir na pontuação urbana é intervir na autoria.

Não para controlar o enredo.

Mas para permitir que mais gente respire entre uma frase e outra.

Porque uma cidade sem escuta vira monólogo.

E monólogo, quando cresce demais, vira muro.

-
- » *quem define a moldura decide o que vira problema*
 - » *toda praça é uma frase tentando descansar*
 - » *cidade inteligente sem sombra é só planilha com poste*
 - » *a rua também tem direito autoral coletivo*



Brasília, cidade em branco

crônica para atravessar um vazio com sol na cabeça

Brasília não tem esquina suficiente para esconder uma tristeza.

Tudo nela aparece demais: o céu, o concreto, a solidão, o poder.

É uma cidade escrita com régua e silêncio. Uma cidade que parece ter sido desenhada por alguém que acreditava muito no futuro e pouco no pedestre.

Há beleza, claro.

Seria injusto negar.

Brasília tem um céu que humilha qualquer arquitetura. Um céu tão grande que às vezes parece não pertencer à cidade, mas o contrário: a cidade é que mora dentro dele, feito móvel pequeno numa sala imensa.

O céu de Brasília não cobre. Expõe.

Debaixo dele, os prédios ficam mais sinceros. As intenções também.

O concreto aprende a fazer pose. O vidro aprende a fingir transparência. A praça aprende a caber no discurso. O

monumento aprende a olhar de cima.

Brasília foi escrita com espaços em branco.

No começo, isso parece poesia. Depois, dependendo da hora, vira insolação.

Há vazios que abrem pensamento. Há vazios que cansam o joelho. Há vazios que dão horizonte. Há vazios que perguntam, com crueldade educada: você veio a pé?

A cidade tem pausas longas demais.

Pausas entre um prédio e outro. Entre uma pessoa e outra. Entre a promessa e a calçada. Entre o desenho e a vida.

Em algumas cidades, a rua abraça. Em Brasília, a rua muitas vezes observa. Fica ali, larga, geométrica, quase abstrata, como se esperasse que o cidadão fosse também uma ideia.

Mas ninguém atravessa a vida como ideia.

A gente atravessa com suor. Com pressa. Com medo de chuva. Com sapato apertado. Com criança no colo. Com exame marcado. Com reunião atrasada. Com o corpo pedindo sombra onde o urbanismo ofereceu conceito.

O Eixo Monumental é um ponto de exclamação de concreto.

Olhem para mim. Olhem para mim. Olhem para mim.

Ele grita em linha reta.

Tem cidade que seduz pelo beco. Brasília intimidada pela escala.

Tudo parece dizer: o indivíduo é pequeno, a instituição é grande, o horizonte é maior ainda, e o poder sempre soube estacionar melhor do que você.

Ainda assim, há uma delicadeza escondida.

Ela não mora nos cartões-postais. Mora nas tesourinhas, nos pilotis ocupados por sombras humanas, nas quadras onde alguém rega planta no fim da tarde, nos cachorros que passeiam como ministros aposentados, nas crianças que transformam gramado em país.

A cidade oficial tenta ser substantivo próprio.

Mas a vida insiste em escrever no rodapé.

Um vendedor de água reescreve a Esplanada. Uma trabalhadora esperando ônibus reescreve a modernidade. Um casal sentado no meio-fio reescreve o plano. Um ipê, quando floresce sem pedir autorização, desmoraliza qualquer organograma.

Brasília é uma cidade em branco, sim.

Mas branco não é vazio.

Branco também é página. E página, quando encontra mão, pode virar outra coisa.

» *o céu expõe o que o poder tenta ornamentar*

» *vazio também é política pública*

» *ninguém atravessa a vida como ideia*

» *a sombra é uma forma de democracia*



Plot trust

pequeno manifesto para cidades que ainda querem ser lidas

Bons romances têm plot twist.

Boas cidades precisam de plot trust.

Confiança de enredo. Confiança de chão. Confiança de esquina.

Confiança de que a próxima rua não foi desenhada contra você.

Uma cidade sem confiança vira labirinto administrativo. Você entra cidadão e sai protocolo.

Plot trust é poder andar sem sentir que a cidade está armada.

É uma mulher voltar para casa sem negociar o próprio medo. É uma criança brincar sem que o chão seja ameaça. É uma pessoa velha atravessar sem apostar a vida contra o semáforo. É a pessoa com deficiência não precisar agradecer por uma rampa que já deveria existir. É o entregador não conhecer a cidade apenas pelo buraco, pela pressa e pela fome.

Plot trust não é branding urbano.

Não cabe em vídeo de trinta segundos com drone, filtro dourado e trilha inspiradora.

Plot trust é lento.

Nasce quando a praça deixa de expulsar. Quando o ônibus passa. Quando a calçada permite. Quando a sombra acolhe. Quando a escuta vira obra. Quando a obra não apaga memória. Quando o planejamento aprende a perguntar antes de assinar.

Dados podem dizer quantas pessoas passam por uma avenida. Mas talvez não digam quantas passam com medo. Quantas passam com fome. Quantas passam porque não têm escolha. Quantas gostariam de ficar, mas a cidade só permite circular.

A cidade contemporânea ama falar em fluxo.

Fluxo de veículos. Fluxo de pessoas. Fluxo de capital. Fluxo de informação.

Mas fluxo sem vínculo é enxurrada.

Leva tudo. Não cultiva nada.

Uma cidade boa não é apenas uma cidade que se move. É uma cidade onde alguém pode permanecer sem ser tratado como obstáculo.

A revolução urbana talvez comece pequena:

uma vírgula melhor colocada, um banco onde antes havia
pressa, uma árvore onde antes havia desculpa, uma escuta
onde antes havia audiência pública de mentirinha, uma
pergunta sincera antes do projeto executivo.

Intervir na pontuação é intervir na autoria.

Porque a cidade não pode continuar sendo monólogo.

Monólogo, quando cresce demais, vira muro.

E muro é ponto final imposto por quem teve medo da
conversa.

» *confiança também é infraestrutura*

» *fluxo sem vínculo é enxurrada*

» *cidade boa deixa permanecer*

» *monólogo urbano vira muro*





VÍRGULA

o trabalho respira mal

O dia cobra recibo

crônica de expediente para uma xícara que esfriou antes da decisão

O dia começa antes da gente.

Quando abrimos os olhos, ele já protocolou três urgências, dois atrasos e uma culpa.

Acordar é entrar numa fila invisível.

Senha: corpo. Guichê: mundo. Atendente: ninguém.

Às 06h48, a bateria está em 87%, mas a alma ainda carrega em modo lento.

O celular pisca.

Duas mensagens azuis. Um áudio de um minuto e quarenta.

Uma reunião remarcada. Um documento chamado final_final_agora_vai. Um bom-dia com urgência embutida.

O trabalho moderno aprendeu a sorrir antes de morder.

Diz “alinhamento” com a boca cheia de disputa. Diz “entrega” como quem pede oferenda. Diz “só um ajuste” quando quer dizer: prepare outra noite.

O dia cobra recibo.

Cobra do corpo, da agenda, da paciência, da lombar, do olho seco, do café que morreu na xícara sem direito a velório.

Alguns textos nasceram assim: no corredor, com um prazo na mão e uma caneca sem temperatura. Outros, no semáforo. Outros, no fim da noite, quando a cabeça ainda estava presa num e-mail que eu não queria mandar.

Ao reler as anotações, vejo uma coreografia silenciosa:

clube, gestão, conselho, continuidade. transportes, feira, ministério, projeto. parlamento, orçamento, investimentos, recursos. alunos, convivência, mídias, jovens.

Palavras em fila.

Parecem lista. Mas eram peso.

Cada palavra carregava gente dentro.

Um projeto nunca é só projeto.

É vaidade, medo, orçamento, promessa, assinatura, expectativa, ruído, disputa, alguém que vai ganhar crédito e alguém que vai carregar a caixa.

Uma reunião nunca é só reunião.

É teatro de poder com água mineral.

Uma ata nunca é só ata.

É a versão educada da batalha.

Havia dias em que o dia inteiro parecia uma planilha: células, subquesitos, entregas, anexos, versões, abas escondidas. Eu anotava para não esquecer que, por trás de

cada célula, havia uma escolha de prioridade, uma renúncia de cuidado, uma aposta de tempo.

A planilha é uma grande ficção realista.

Finge neutralidade, mas decide destinos. Finge objetividade, mas esconde cansaços. Finge ordem, mas às vezes só organiza o pânico em colunas.

Quando a rotina apertava mais, eu voltava ao básico: nomear o problema e seguir.

Se eu não nomeasse, alguém nomearia por mim — quase sempre para caber melhor na própria agenda.

O trabalho vira idioma.

E, quando o trabalho vira idioma, a gente escreve para não esquecer a tradução.

“Prazo” pode querer dizer controle. “Projeto” pode querer dizer poder. “Revisão” pode querer dizer insegurança.

“Disponibilidade” pode querer dizer submissão elegante. “Só mais uma reunião” pode querer dizer: hoje você não verá a luz do dia por dentro.

Há uma violência discreta na linguagem profissional.

Ela não grita. Ela calibra.

Não manda. Sugere.

Não explora. Engaja.

Não esgota. Desafia.

Não invade a noite. Flexibiliza.

A palavra “flexível”, aliás, deveria vir com fisioterapeuta incluso.

Ser flexível demais é o primeiro passo para virar elástico de pasta velha: todo mundo puxa, ninguém pergunta se arrebentou.

Mas o trabalho também tem seu chão.

E o chão é mais honesto que o palco.

O chão do trabalho é a parte que não vai para o portfólio, mas decide se a coisa fica de pé.

É a pessoa que confirmou a sala. A que revisou o nome errado. A que segurou o humor do grupo. A que ligou para resolver o que ninguém queria assumir. A que lembrou do cabo, da senha, do café, da lista, da ausência, da vírgula torta no documento final.

O mundo profissional ama estratégia, mas sobrevive de miudeza.

Ninguém faz foto da miudeza.

Não tem post bonito para “passei três horas corrigindo a base de contatos”. Não tem prêmio para “impedi discretamente um desastre institucional”. Não tem case para “fiquei calado na hora certa e salvei a tarde”.

Mas é ali que a coisa respira.

Ou não.

O café esfriou antes do final da reunião.

Escrevi a nota assim mesmo, com a xícara fria do lado.

Às vezes o frio do café é o único sinal de que o tempo passou.
E talvez seja por isso que eu escreva: para guardar prova de que estive lá.

De que aquele dia existiu. De que aquele cansaço teve nome. De que aquela tarefa comeu uma parte da vida. De que eu não fui totalmente engolido pelo que o dia exigia.

O dia cobra recibo.

A escrita é a segunda via.

-
- » *há dias em que o trabalho vira idioma*
 - » *café frio também é marcador temporal*
 - » *a planilha organiza o pânico em colunas*
 - » *a escrita é a segunda via*



Reunião que devia ter sido silêncio

pequena liturgia para pessoas sentadas em torno do nada

Toda reunião começa com uma esperança mentirosa.

Talvez hoje seja rápido.

Nunca é.

A reunião é o ritual moderno em que pessoas adultas se juntam para descobrir, em grupo, que ninguém leu o documento.

Há sempre alguém compartilhando a tela errada.

Há sempre alguém dizendo “só para contextualizar” e abrindo um túnel histórico que começa na fundação da organização e termina na exaustão da espécie.

Há sempre a pessoa que fala “vou ser breve” e ameaça a estrutura do tempo.

Há sempre o microfone aberto de alguém que esqueceu que vive em família, bairro, planeta.

Há sempre um cachorro mais lúcido do que a pauta.

A reunião tem suas entidades.

O Entusiasta do Alinhamento. A Guardiã do Prazo. O Xamã do Indicador. A Pessoa do Jurídico, que aparece no fim para lembrar que a realidade tem cláusulas. O Participante Silencioso, cuja câmera desligada talvez esconda uma alma, talvez apenas almoço.

E há o Facilitador.

O Facilitador acredita sinceramente que a humanidade pode ser salva por papéis coloridos na parede.

Não julgo.

Cada povo tem seu amuleto.

A reunião que devia ter sido silêncio costuma nascer de um medo: o medo de decidir.

Então chamamos mais gente. Criamos um grupo. Abrimos uma planilha. Marcamos uma conversa exploratória. Depois uma conversa de alinhamento. Depois uma conversa de encaminhamento. Depois uma conversa para validar os encaminhamentos da conversa anterior.

A burocracia é uma planta trepadeira: quando encontra parede, sobe.

No fundo, muitas reuniões são apenas formas caras de adiar o verbo.

Decidir dói.

Implica escolher uma coisa e enterrar suas irmãs.

Por isso preferimos circular em torno da decisão como urubus educados.

“Vamos amadurecer.” “Vamos calibrar.” “Vamos envolver os atores.” “Vamos fazer uma escuta.” “Vamos construir uma governança.” “Vamos criar um subgrupo.”

O subgrupo é o purgatório da decisão.

Quando uma ideia vai para o subgrupo, sua família deve ser avisada.

Ainda assim, às vezes, no meio da reunião inútil, acontece um milagre.

Uma pessoa diz uma frase simples. Alguém escuta. O ar muda. O problema deixa de usar terno. A coisa aparece.

Nua. Pequena. Resolúvel.

Então todos fingem que era isso desde o começo.

Não era.

Foi preciso atravessar uma floresta de frases para chegar ao óbvio.

O óbvio é uma fruta difícil: só amadurece depois que muita gente passa vergonha em volta da árvore.

Eu não sou contra reuniões.

Sou contra reuniões que sequestram a respiração.

Uma boa reunião deveria terminar com menos peso no corpo.

Com mais clareza. Com menos teatro. Com nomes próprios.
Com verbos. Com silêncio suficiente para alguém pensar
antes de concordar.

Uma reunião decente sabe a hora de morrer.

As piores não morrem.

Viram ata.

Depois viram pendência.

Depois viram lembrete.

Depois viram outra reunião.

E assim a roda gira, como moinho movido a café requentado
e falsa urgência.

Talvez o futuro do trabalho comece com uma tecnologia
revolucionária:

antes de marcar uma reunião, perguntar se ela merece
existir.

» reunião é teatro de poder com água mineral

» o subgrupo é o purgatório da decisão

» o óbvio amadurece depois da vergonha

» nem todo encontro merece calendário

, , ,

.....

Pequena gramática da consultoria

dicionário para sobreviver ao idioma sem perder a alma

Alinhamento Palavra usada quando ninguém quer dizer conflito.

Entrega Oferenda feita ao deus da produtividade. Quase sempre acompanhada de cansaço, versão final e culpa por não ter feito melhor.

Stakeholder Pessoa que tinha nome antes de virar categoria.

Quick win Pequena vitória usada para disfarçar guerras longas.

Governança Forma sofisticada de perguntar: quem manda, quem responde e quem vai levar a culpa?

Escuta ativa Às vezes é escuta. Às vezes é teatro com formulário.

Sprint Corrida curta que, por algum motivo, dura anos.

Roadmap Mapa desenhado por quem ainda não pisou na estrada.

Sinergia Duas agendas cansadas tentando parecer amor.

Benchmark Modo elegante de invejar o concorrente.

Narrativa Aquilo que todo mundo disputava antes de descobrir esse nome.

Reposicionamento Troca de roupa simbólica diante do espelho do mercado.

Diagnóstico Momento em que todos descobrem o que o estagiário já sabia.

Imersão Reunião longa com nome de mergulho.

Dinâmica participativa Ritual coletivo em que papéis coloridos, canetinhas e esperanças são colocados sobre a mesa.

Priorização Arte de escolher qual incêndio receberá água e qual receberá apresentação de slides.

Indicador Número que tenta convencer a realidade a se comportar.

Métrica de sucesso Régua inventada depois que alguém perguntou: deu certo?

Escalabilidade Sonho de crescer sem criar vínculos. Quase sempre dá errado.

Inovação Palavra que deveria vir com prazo de validade.

Legado O que se promete quando o presente ainda não entregou.

Aprendizados Nome dado às cicatrizes para que caibam no relatório.

Próximos passos Modo elegante de empurrar o abismo para terça-feira.

Ponto focal Pessoa escolhida para descobrir, tarde demais, que virou para-raios.

Disponibilidade O sequestro da noite em linguagem cordial.

Flexibilidade Capacidade de dobrar sem que ninguém perceba onde doeu.

» *o jargão doméstica o susto*

» *toda palavra corporativa esconde um corpo cansado*

» *diagnóstico é o óbvio com crachá*

» *próximos passos: o abismo na terça-feira*



O chão que não vai para o portfólio

crônica para quem segura a estrutura enquanto outros posam na fachada

Existe um trabalho que aparece.

E existe o trabalho que permite o aparecimento.

O primeiro sobe ao palco. O segundo chega antes para testar o som.

O primeiro ganha foto. O segundo recolhe o cabo.

O primeiro fala em visão. O segundo verifica se há tomada.

O mundo adora o primeiro.

Mas é o segundo que impede a queda.

O chão que não vai para o portfólio é feito de providências pequenas e decisivas.

Confirmar o endereço. Checar a lista. Revisar a grafia. Ligar de novo. Avisar quem foi esquecido. Imprimir o que ninguém leu. Guardar a calma quando a ideia começa a vazar pela borda.

Toda obra tem seus invisíveis.

Em geral, são eles que sabem onde a obra realmente mora.
Quem aparece demais raramente conhece o almoxarifado.
E todo projeto tem um almoxarifado.

Um lugar físico ou simbólico onde ficam as fitas, os medos,
as gambiarras, os favores, as senhas, as pendências, as
versões antigas, os nomes que não podem ser esquecidos.

O portfólio mostra a fachada.

O chão lembra o barro.

Há uma injustiça antiga nisso.

Quem sustenta muitas vezes é chamado de operacional,
como se operar fosse menor do que conceber.

Mas conceber sem operar é desenhar barco sem saber que
água molha.

Operar é pensar com a mão.

É filosofia aplicada ao cabo certo na hora certa. É política
pública no telefonema de confirmação. É reputação na
vírgula do convite. É cuidado no nome correto do
participante. É estratégia na cadeira disponível para quem
chegou cansado.

A civilização deveria agradecer mais a quem chega cedo.

A quem fecha a porta. A quem apaga a luz. A quem salva a
senha. A quem leva extensão. A quem sabe onde tem café. A
quem percebe que a pessoa calada na reunião não está
concordando, está desistindo.

O chão do trabalho tem uma inteligência que os relatórios raramente capturam.

Ele sabe onde a instituição range.

Sabe quem resolve. Sabe quem trava. Sabe quem assina. Sabe quem some. Sabe quem faz. Sabe quem aparece depois para dizer “nós”.

O chão não é ressentido.

Mas tem memória.

E, de vez em quando, quando ninguém está olhando, o chão cobra recibo também.

-
- » *operar é pensar com a mão*
 - » *toda obra tem almoxarifado invisível*
 - » *a fachada esquece o barro*
 - » *o chão sabe quem sustenta o discurso*





PONTO E VÍRGULA

a tecnologia promete continuar



A Rodoviária é ponto e vírgula

onde a cidade ideal encontra a cidade real

A Rodoviária não acredita em maquete.

Ela olha para o Plano Piloto com certa paciência de mãe cansada. Sabe que toda cidade inventada precisa, em algum momento, prestar contas à marmita.

Ali, Brasília perde a pose.

A cidade que nasceu desenho vira corpo. Vira fila. Vira suor. Vira pastel. Vira mochila pesada. Vira vendedor anunciando carregador, água, passagem, capinha, milagre.

A Rodoviária é ponto e vírgula porque ninguém termina ali.

As pessoas param, mas continuam.

Chegam de um lado, saem do outro. Descansam em pé. Comem rápido. Procuram plataforma. Conferem o celular. Recalculam a vida em cima de um painel que às vezes atrasa, às vezes falha, às vezes mente com a tranquilidade dos sistemas públicos.

É um lugar de pausa e continuidade.

Uma frase interrompida para tomar café.

A Rodoviária é o coração popular de uma cidade que muitas vezes finge ter sido feita só de cabeça.

No alto, o poder organiza cerimônias. Embaixo, alguém conta moedas.

No alto, a arquitetura faz silêncio. Embaixo, a cidade fala alto, mastiga, tropeça, pergunta, reclama, ri.

Ali, o Brasil entra em Brasília sem crachá.

Entra de uniforme. Entra de chinelo. Entra de mochila. Entra com sacola de mercado. Entra com criança dormindo no colo. Entra com fone barato, marmita fria, currículo amassado, boleto vencido, esperança cansada.

A Rodoviária é uma tradução simultânea.

Traduz o monumento para quem limpa o monumento. Traduz o discurso para quem pega o ônibus depois do discurso. Traduz a ideia de capital para quem capitaliza o corpo em horas de trabalho.

Toda cidade tem uma Rodoviária secreta.

O lugar onde a fantasia encontra o boleto.

No caso de Brasília, ela fica bem no meio. Como se a cidade, sem querer, tivesse confessado: por mais que eu sonhe com eixos, escalas e superquadras, sou sustentada por gente que atravessa.

Atravessar é uma forma de autoria.

Quem atravessa todos os dias escreve a cidade com sola de sapato.

O urbanista desenha. O trabalhador revisa. O usuário corrige. O vendedor comenta. O ônibus rasura. A chuva sublinha. O sol exagera.

A Rodoviária é o rodapé que sustenta a tese.

Sem ela, Brasília seria um belo parágrafo sem povo.

E parágrafo sem povo, por mais bonito, é só propaganda com boa diagramação.

» *o centro também tem subsolo*

» *quem atravessa assina*

» *toda cidade precisa prestar contas à marmita*

» *a vida revisa a arquitetura*





A máquina não sonha por nós

*nota sobre inteligência artificial, autoria e outras
assombrações úteis*

A máquina me ajudou a organizar o caos.

Mas não viveu o caos.

Sugeri cortes. Mas não sangrou onde eu cortei.

Aproximou ritmos. Mas não esperou a casa dormir para escrever.

Devolveu imagens. Mas não carregou meus filhos pela mão. Não envelheceu minha lombar em reunião. Não tremeu diante do laudo. Não ficou olhando para o teto às três da manhã tentando descobrir se o futuro era ameaça, promessa ou apenas um boleto com roupa nova.

A máquina não sonha por nós.

No máximo, reorganiza os restos dos sonhos humanos que já foram jogados no mundo.

E isso não é pouco.

Toda ferramenta é uma forma de conversa com o possível.

O lápis ampliou a mão. A prensa ampliou a voz. A câmera ampliou o olho. O rádio ampliou a distância. O computador ampliou o cálculo. A rede ampliou o ruído.

A inteligência artificial amplia o espelho.

É um espelho ampliado pode ser perigoso.

Mostra melhor a espinha. Mas também aumenta o narcisismo.

O problema talvez não seja a máquina pensar demais.

É a gente pensar de menos diante dela.

Há quem tema que a IA roube a autoria.

Eu temo mais quando ela devolve uma autoria sem cicatriz, lisa demais, pronta demais, obediente demais.

Texto perfeito demais costuma ter cheiro de hospital.

A literatura precisa de algum micróbio.

Precisa da frase que manca. Do pensamento que tropeça. Da palavra que não sabe se veio da infância ou do erro. Do parágrafo que resiste à limpeza. Da imagem que ninguém aprovaria em comitê.

A máquina pode ajudar a varrer a casa.

Mas não deve decidir quais fantasmas continuam morando nela.

Usei a máquina como se usa uma faca.

Para cortar. Para descascar. Para abrir caminho no cipó.

Mas ninguém chama a faca de cozinheira.

A receita ainda pertence ao corpo que teve fome.

A autoria nunca foi uma nascente pura.

Toda palavra chega com parentes. Toda frase tem dívida.
Todo estilo é uma mesa onde sentam mortos, vivos,
professores, inimigos, amores, canções, placas de rua, livros
esquecidos, conversas ouvidas pela metade.

A novidade não é a mistura.

A novidade é o tamanho da boca que mistura.

Por isso convém cuidado.

A máquina mastiga muita coisa.

Nem tudo que ela devolve foi oferecido com consentimento.

Há saberes que não são matéria-prima. Há memórias que
não são banco de dados. Há vozes que não existem para
alimentar produto. Há dores que não devem virar estética
sem relação.

Intertextualidade não é licença para saque.

Apropriar sem transformar é preguiça com pose teórica.

Transformar exige responsabilidade.

Citar quando necessário. Reconhecer quando devido.

Devolver quando possível. Calar quando o silêncio for mais
honesto que a captura.

A máquina não me absolve.

Também não me condena.

Ela participa.

Como participaram o bloco de notas, a caneta, o café, a insônia, a cidade, os livros que li, as músicas que não terminei, as pessoas que amei e as que me ensinaram, sem querer, alguma forma de raiva útil.

Este livro não foi escrito por uma máquina.

Também não foi escrito por uma pureza.

Foi escrito por uma pessoa atravessada.

E toda pessoa atravessada é uma tecnologia antiga de recombinação.

-
- » *a máquina organiza, mas não vive*
 - » *ninguém chama a faca de cozinheira*
 - » *texto perfeito demais tem cheiro de hospital*
 - » *intertextualidade não é licença para saque*





O futuro é um vendedor insistente

crônica para sair vivo de um evento de inovação

O futuro sabe vender.

Chega bem vestido. Usa tênis confortável. Tem crachá, painel de luz, café ruim em copo bonito e uma frase em inglês antes do almoço.

O futuro diz:

disrupção. escala. ecossistema. jornada. experiência. agente autônomo. aprendizagem adaptativa. governança de IA. transformação.

A plateia anota.

Ninguém quer parecer velho diante do futuro.

O futuro é um vendedor insistente.

Bate na porta com catálogo colorido e diz que agora vai.

Agora a escola será personalizada. Agora a cidade será inteligente. Agora o trabalho será flexível. Agora a saúde será preditiva. Agora a democracia será participativa. Agora o planeta será sustentável.

Agora.

O “agora” do futuro é sempre convincente.

Só que, do lado de fora do auditório, a calçada continua quebrada.

O ônibus atrasa. A professora compra material com o próprio dinheiro. A pessoa idosa não consegue marcar consulta. A criança divide celular com três irmãos. O entregador não tem tempo para assistir à palestra sobre o futuro do trabalho.

Há uma distância obscena entre a promessa e a calçada.

E a calçada, ao contrário do slide, não aceita animação de entrada.

Não sou contra o futuro.

Pelo contrário.

Gosto dele quando chega pequeno.

Como muda de árvore. Como nova palavra na boca de uma criança. Como exame que melhora. Como tecnologia que devolve tempo em vez de roubar. Como aplicativo que realmente ajuda alguém a atravessar uma dificuldade, não apenas a ser medido com mais precisão.

O futuro bom não humilha o presente.

Ajoelha perto dele e pergunta:

onde dói?

O futuro ruim chega com pressa de substituir.

Substituir o professor. Substituir o cuidado. Substituir o encontro. Substituir o corpo. Substituir o conflito. Substituir a conversa pelo painel.

Mas algumas coisas não querem ser substituídas.

Querem ser escutadas.

A escola não precisa apenas de plataforma. Precisa de vínculo.

A cidade não precisa apenas de sensor. Precisa de sombra.

O trabalho não precisa apenas de automação. Precisa de limite.

A saúde não precisa apenas de dado. Precisa de presença.

A política não precisa apenas de participação digital. Precisa de gente que não seja tratada como ruído.

O futuro é bom quando aumenta a vida.

Quando aumenta só a velocidade, desconfio.

Velocidade sem direção é ansiedade com motor.

Há quem confunda inovação com novidade.

Novidade envelhece no estoque.

Inovação, quando presta, muda a qualidade do cuidado.

O resto é embalagem com bateria.

Saí do evento com uma sacola, três cartões, cinco promessas e a sensação de que o futuro ainda precisa aprender a atravessar a rua.

Talvez o futuro só comece mesmo quando parar de se apresentar no palco e sentar no ponto de ônibus.

Ali, sem microfone, talvez diga algo útil.

-
- » *o futuro bom pergunta onde dói*
 - » *velocidade sem direção é ansiedade com motor*
 - » *a calçada não aceita animação de entrada*
 - » *inovação que não aumenta cuidado é embalagem*



Educação para problemas que ainda não existem

carta curta ao professor que ainda acredita

A escola sempre chega atrasada ao futuro.

Não por culpa dela.

A escola carrega cadeiras, diários, merenda, poeira, currículo, calendário, avaliações, reformas, promessas de governo, medo dos pais, ansiedade dos alunos, salário insuficiente e a teimosia de continuar abrindo a porta.

O futuro, enquanto isso, vem de patinete.

Aparece no recreio antes de aparecer no plano pedagógico.

Está no celular escondido. No vídeo de quinze segundos. Na IA fazendo redação. No aluno que aprende sozinho uma língua, mas não consegue atravessar uma aula de cinquenta minutos sem desaparecer por dentro. Na menina que programa, desenha, edita, cuida da avó e ainda acha que não sabe nada porque tirou sete na prova.

A educação tradicional tenta preparar para um mundo conhecido.

Mas o mundo conhecido está vencendo rápido.

Ensinar hoje talvez seja preparar alguém para problemas que ainda não têm nome.

E isso exige menos resposta decorada e mais musculatura de pergunta.

Perguntar bem é uma tecnologia de sobrevivência.

Quem pergunta aprende a não obedecer ao primeiro mapa.

E talvez seja isso que assuste tanta gente.

Porque uma pessoa que pergunta direito não cabe facilmente em fila, ranking, bolha, algoritmo, catecismo ou organograma.

A escola do futuro não deveria ser uma escola cheia de telas.

Deveria ser uma escola cheia de mundo.

Mundo no laboratório. Na horta. No bairro. Na biblioteca.

No corpo. Na conversa. Na praça. Na memória dos avós. No território. Na ciência. Na arte. Na dúvida.

A tecnologia pode ajudar muito.

Pode personalizar percursos. Pode traduzir barreiras. Pode apoiar professores. Pode revelar dificuldades antes que virem abandono. Pode aproximar quem estava longe.

Mas tecnologia sem pedagogia é lâmpada em sala vazia.

Clareia.

Não ensina.

O professor continua sendo a pessoa que percebe quando o aluno entendeu, mas não acreditou em si.

Quando respondeu certo, mas perdeu o brilho.

Quando fez silêncio não por atenção, mas por desistência.

Nenhum algoritmo deveria ser promovido acima desse olhar.

O olhar docente é uma infraestrutura invisível.

Sem ele, a escola vira plataforma de entrega de conteúdo.

E conteúdo entregue não é, necessariamente, conhecimento recebido.

Conhecimento precisa de encontro.

Às vezes de conflito. Às vezes de repetição. Às vezes de encantamento. Às vezes de lanche. Às vezes de uma frase dita no corredor por alguém que nem imaginava estar salvando um pedaço de futuro.

Educar para problemas que ainda não existem é ensinar a imaginar sem fugir da realidade.

É formar gente capaz de ler um gráfico e uma árvore.

Programar uma máquina e escutar uma pessoa velha.

Usar uma ferramenta nova e desconfiar do poder antigo que se esconde dentro dela.

Criar futuros sem desprezar os mortos.

Inovar sem pisar no chão que alimenta.

A escola que precisamos talvez seja menos fábrica de desempenho e mais aldeia de aprendizagem.

Uma comunidade onde ninguém aprende sozinho, mesmo quando estuda em silêncio.

Porque aprender nunca foi apenas acumular resposta.

Aprender é mudar de tamanho por dentro.

» *perguntar bem é tecnologia de sobrevivência*

» *tecnologia sem pedagogia é lâmpada em sala vazia*

» *o olhar docente é infraestrutura invisível*

» *aprender é mudar de tamanho por dentro*





O dado que não queria ser dado

pequena fábula estatística

Antes de virar dado, ele era alguém.

Tinha nome, mas o nome foi retirado para proteção da privacidade.

Tinha corpo, mas o corpo foi convertido em variável.

Tinha história, mas a história atrapalhava a análise.

Tinha medo, mas medo não cabia naquela célula.

Tinha território, mas o território virou localização aproximada.

Tinha mãe, dívida, febre, memória, desejo, religião, alergia, apelido, vergonha, cicatriz, sotaque, senha esquecida, música preferida, pressa e uma pequena esperança que não pôde ser normalizada.

Depois virou dado.

O dado entrou numa base.

A base entrou num modelo.

O modelo entrou num painel.

O painel entrou numa reunião.
A reunião entrou numa decisão.
A decisão voltou para o corpo que um dia tinha virado dado.
E o corpo sentiu.
É assim que o mundo gira agora:
a vida sobe como informação e desce como política, preço,
risco, score, prioridade, vigilância, oferta, exclusão.
O dado achou estranho.
Não tinha sido consultado sobre virar destino.
Disseram que era anonimizado.
Mas ele continuava se reconhecendo no estrago.
Disseram que era agregado.
Mas ele sentia a solidão de ser multidão.
Disseram que era tendência.
Mas ele sabia que tendência, às vezes, é uma palavra usada
para impedir que alguém seja ouvido em primeira pessoa.
O dado não era contra a ciência.
Pelo contrário.
Gostava quando uma boa análise revelava injustiças,
melhorava serviços, salvava tempo, distribuía cuidado,
antecipava riscos, corrigia rotas.
O dado só não queria ser tratado como coisa órfã.
Dado também tem ancestralidade.

Veio de uma vida. De uma coleta. De uma pergunta. De um método. De uma escolha. De um interesse. De um contexto.

Nenhum dado nasce nu.

Alguém decidiu o que medir. Alguém decidiu o que ignorar. Alguém decidiu a categoria. Alguém decidiu a margem de erro. Alguém decidiu que a dor poderia esperar a próxima versão do sistema.

O dado começou a desconfiar da palavra “neutro”.

Neutro, descobriu, quase sempre é o nome que o poder dá para si mesmo quando não quer aparecer na fotografia.

Um dia, cansado de ser arrastado de painel em painel, o dado fugiu.

Escondeu-se no corpo de onde tinha vindo.

Voltou a ser respiração. Voltou a ser atraso. Voltou a ser fome. Voltou a ser pergunta.

Voltou a ser pessoa sentada diante de outra pessoa dizendo: antes de me calcular, me escuta.

-
- » *antes de dado, era corpo*
 - » *neutro é o poder sem fotografia*
 - » *dado também tem ancestralidade*
 - » *tendência não substitui testemunho*





EXCLAMAÇÃO

o corpo transmite



Do jeito que der, a gente dança

blues para um corpo em negociação

Um dia o corpo começou a escrever errado.

Primeiro, uma letra torta. Depois, uma frase fora do lugar.

Depois, a mão assinando com letra de outra pessoa.

O corpo tem dessas coisas: passa anos trabalhando em silêncio e, quando resolve falar, não espera o microfone.

Vieram os nomes. Os exames. As hipóteses com jaleco. As palavras compridas tentando domesticar o susto.

Dopamina. Substância negra. Neurônio. Tremor. Rigidez. Bradicinesia.

E ela.

Alfa-sinucleína.

Nome de espia soviética. Nome de condessa vampira. Nome de banda pós-punk que ninguém entendeu em 1983.

Alfa-sinucleína.

A proteína desalinhada. A síndica do caos, fazendo assembleia no escuro do cérebro. A inquilina sem contrato.

A vilã na torre de comando, sabotando a máquina.

No começo, eu quis entender tudo.

Li. Pesquisei. Consultei. Busquei refúgio na névoa. Meditei diante do abismo.

Mas chega uma hora em que as perguntas ecoam de volta sem resposta.

Por que eu? Por que agora? Por que esse corpo, que já tinha tanto boleto, tanta reunião, tanta infância para carregar pela mão?

A ciência sabe muita coisa. Ainda não sabe tudo.

Também não sabemos tudo sobre os buracos negros, e eles seguem engolindo estrelas e arrotando gás com aquela educação cósmica de quem não deve satisfação a ninguém.

Então parei de procurar uma culpa em mim ou no universo.

Culpa é uma cadeira desconfortável, mas a gente senta mesmo assim para não precisar andar.

E eu precisava andar. Ou reaprender.

Ainda tenho fé na vida, seja lá o que isso queira dizer quando a palavra fé entra na sala sem pedir licença à filosofia.

De certa forma, liguei o foda-se para o Parkinson.

Não como bravata. Bravata pura é testosterona com medo.

Liguei o foda-se como quem abre uma janela.

Cansei de pedir autorização para o futuro. Cansei de ensaiar tragédia antes da hora. Cansei de imaginar a vida como uma

escada em que alguém, sacanamente, apagou a luz.

Fui velejar.

Era um sonho antigo: botar a cara diante do vento e aprender que nem todo controle é força.

Às vezes, controlar é escutar. É perceber antes de mandar. É aceitar que o vento não obedece: conversa.

A vela sabe. As águas sabem. O corpo, quando a gente para de mandar nele, também começa a saber.

Comecei a escrever mais.

Talvez porque escrever seja uma forma de fisioterapia da alma. Talvez porque cada frase seja um passo pequeno. Talvez porque o papel não se incomode com a lentidão e os movimentos erráticos.

Demorei a entender:

o corpo não é obstáculo. É mídia.

Ele transmite antes da palavra.

Às vezes em dor. Às vezes em tremor. Às vezes em silêncio. Às vezes em uma pequena recusa de obedecer ao calendário.

O papel de coitado, no entanto, eu nunca vou aceitar. Nem para mim, nem para ninguém.

O coitado é um personagem criado para fazer os medíocres se sentirem insuperáveis por alguns instantes.

Também não quero ser herói.

Herói nunca pode vacilar. Herói vira palestra motivacional, vira modelo, vira caneca com frase. Herói não pode reclamar de dor, nem de medo, nem de vontade de sumir no meio da tarde ou faltar à academia sem justificativa.

Só quero seguir vivendo minhas escolhas com autonomia e cercado dos meus amores.

Não sou inconsequente. Também não sou exemplo de superação.

Exemplo de superação é gente que acorda às quatro, pega dois ônibus, cria filho — seu e dos outros —, enfrenta humilhação, paga conta com muito suor, envelhece cedo e ainda oferece café com um sorriso no rosto.

Eu sou mais um privilegiado tentando não desperdiçar a chance de continuar inteiro, mesmo dividido.

Mesmo incompleto.

Então fiz um acordo com o corpo.

Ele avisa. Eu escuto.

Ele trava. Eu espero.

Ele cansa. Eu negocio.

Ele treme. Eu canto.

E, se em algum momento não der para marchar, a gente dança.

Do jeito que for. Do jeito que puder.

» o corpo transmite antes da palavra

- » *tremor também é linguagem*
- » *a carne é uma mídia ancestral*
- » *do jeito que der, a gente dança*





Fisioterapia da alma

crônica para uma frase que reaprende o gesto

Escrever também é movimento.

Ninguém pensa nisso porque a escrita gosta de posar de coisa mental. Finge que mora na cabeça, numa salinha limpa, com boa iluminação e estantes discretas.

Mentira.

A escrita mora no corpo inteiro.

Mora na mão que hesita. No olho que volta. Na lombar que protesta. No maxilar que aperta. No peito que segura uma palavra antes que ela vire choro. No dedo que apaga a frase e, mesmo assim, deixa o fantasma dela assombrando o parágrafo seguinte.

A escrita é uma coordenação fina entre memória e risco.

A gente escreve com tudo que já perdeu.

Com a infância. Com a raiva. Com o medo. Com a pressa. Com o amor que não encontrou frase na hora certa. Com os mortos que ainda corrigem nossa pontuação por dentro.

Quando comecei a escrever mais, achei que era urgência literária.

Depois entendi que era reabilitação.

Cada frase era um alongamento do invisível. Cada parágrafo, uma tentativa de recuperar amplitude. Cada corte, uma pequena cirurgia sem anestesia. Cada vírgula, um lugar para respirar sem pedir licença.

A fisioterapia ensina uma humildade feroz.

O movimento que parecia simples volta a ser conquista.

Levantar. Virar. Segurar. Soltar. Dobrar. Esticar. Repetir.

A literatura também.

Uma frase boa raramente nasce andando.

Primeiro ela engatinha. Cai. Bate o queixo. Faz birra. Tenta de novo. Depois, de repente, encontra o próprio passo.

Há dias em que escrever é correr.

Há dias em que escrever é mancar com dignidade.

Há dias em que escrever é apenas encostar a mão na parede e não cair.

O papel aceita tudo isso.

A tela também, embora seja mais impaciente.

A tela quer salvar, sincronizar, sugerir, corrigir, completar.

A tela se mete. A tela acha que sabe. A tela sublinha em vermelho palavras que talvez estivessem apenas vivas demais para o dicionário.

O papel é mais antigo.

O papel escuta.

Não pergunta se queremos ativar notificações. Não oferece versão premium da melancolia. Não transforma a dúvida em pop-up.

O papel fica.

E, quando a mão treme, ele não faz escândalo.

Só registra a dança.

Talvez escrever seja isso: registrar a dança possível.

Não a dança bonita. Não a dança ensaiada. Não a dança dos corpos autorizados pela juventude, pela saúde, pela estética, pela academia, pelo algoritmo.

A dança possível.

Aquela que acontece quando o corpo já não acredita tanto na coreografia oficial, mas ainda escuta alguma música por dentro.

O mundo cobra performance.

A escrita oferece presença.

São coisas diferentes.

Performance pergunta: ficou bom? Presença pergunta: foi verdadeiro?

Performance quer aplauso. Presença quer testemunho.

Performance se preocupa com a câmera. Presença se preocupa com a respiração.

Escrevo para não esquecer que ainda estou presente.

Mesmo quando lento. Mesmo quando torto. Mesmo quando a frase sai com letra de outro.

Escrevo porque a vida, às vezes, precisa de segunda via.

E porque o corpo, quando falha, não para de dizer.

Só muda o idioma.

» *escrever é movimento*

» *cada vírgula é um lugar para respirar*

» *o papel registra a dança*

» *presença é mais difícil que performance*





Velejar com o corpo

crônica para quando o vento ensina sem explicar

Fui velejar porque havia coisas que eu não conseguia mais aprender em terra firme.

A terra firme tem convicções demais.

Ela acredita em agenda, rota, controle, prazo, resultado, avanço, meta, linha reta. A terra firme vive repetindo que basta planejar direito.

O vento ri.

O vento não respeita slide.

Não adianta apresentar a ele um cronograma. Não adianta mandar e-mail de alinhamento. Não adianta dizer “conforme combinado”. O vento não combina. O vento acontece.

No barco, a primeira lição é antiga:

you não manda no mundo.

A segunda:

isso não significa que você esteja indefeso.

Entre mandar e desistir existe uma arte.

Chama-se escuta.

A vela não enfrenta o vento como inimigo. Também não se entrega como vítima.

Ela conversa.

Inclina. Cede. Tensiona. Aguarda. Aproveita. Corrige. Recomeça.

A vela sabe que força bruta é uma forma pobre de inteligência.

Eu demorei.

Passei tempo demais acreditando que controle era vencer a resistência das coisas. Controlar a agenda. Controlar o corpo. Controlar o futuro. Controlar a imagem. Controlar a ansiedade para ela não aparecer na reunião com crachá de visitante.

Mas há um controle que não aperta.

Um controle que escuta.

É o controle do velejador, do músico, do cozinheiro, da parteira, do pajé, do velho que observa o céu antes de plantar, da criança que aprende a equilibrar a bicicleta sem saber explicar a física da alegria.

Esse controle não domina.

Participa.

No barco, o corpo entende antes da cabeça.

Sabe quando o vento muda. Sabe quando o barco pesa. Sabe quando a água engrossa. Sabe quando a mão apertou demais o cabo. Sabe quando a tensão passou do necessário e virou medo.

O corpo lê o mundo em silêncio.

A cabeça, essa funcionária vaidosa, chega depois e tenta assinar o relatório.

Velejar me ensinou uma palavra que eu achava que conhecia:

autonomia.

Eu confundia autonomia com independência.

Independência era não precisar de nada.

Autonomia é saber se relacionar sem desaparecer.

O barco é autônomo porque escuta o vento. A vela é autônoma porque depende da água. O corpo é autônomo quando negocia com seus limites sem entregar a autoria da vida.

Ninguém veleja sozinho, mesmo quando está só.

Há o vento. Há a água. Há o casco. Há o nó. Há quem ensinou antes. Há quem desenhou o barco. Há quem costurou a vela. Há quem soprou sem saber.

A vida inteira é uma tripulação invisível.

No meio da água, pensei no corpo.

Esse barco antigo.

Às vezes bonito. Às vezes torto. Às vezes rangendo. Às vezes pedindo manutenção no pior momento.

Pensei que talvez adoecer seja também descobrir que não somos capitães soberanos de coisa nenhuma.

Somos mais parecidos com velejadores.

Carregamos mapa, sim. Mas o mar opina.

E o mar, quando opina, não está nos destruindo necessariamente.

Às vezes está nos ensinando a não confundir rota com destino.

Voltei da água com menos certezas.

Foi um bom sinal.

Certeza demais faz mal à navegação.

» *o vento não respeita slide*

» *autonomia não é ilha*

» *o corpo lê antes da cabeça*

» *rota não é destino*





A carne suporta

manifesto breve sobre corpo, mídia e notícia

Antes da palavra, o corpo já estava escrevendo.

Na febre. Na fome. No desejo. No medo. No arrepio. Na cicatriz. Na dança. Na exaustão. Na respiração que muda quando alguém entra na sala.

A carne publica.

Sem legenda. Sem plataforma. Sem assessoria. Sem revisão de marca.

A pele é o primeiro jornal.

Noticia o frio. Noticia o toque. Noticia a violência. Noticia o afeto. Noticia o tempo.

O corpo não é obstáculo.

É mídia.

Suporte, sinal, arquivo, antena, tambor.

Aquilo que chamamos de sintoma talvez seja uma matéria urgente de um território que não aceitou mais ser colônia da cabeça.

Durante anos, tratamos o corpo como transporte.

A cabeça decidia. O corpo levava.
A cabeça sonhava. O corpo pagava.
A cabeça prometia. O corpo entregava.
Até que um dia o corpo interrompe a programação.
Sai do rodapé. Invade a manchete. Diz:
agora me leiam.
Nem sempre sabemos ler.
Fomos alfabetizados para contratos, telas, manuais, boletos,
métricas, mapas, gráficos, diagnósticos.
Mas seguimos analfabetos do próprio corpo.
Chamamos de preguiça o que era exaustão. Chamamos de
fraqueza o que era pedido. Chamamos de idade o que era
aviso. Chamamos de estresse o que era incêndio. Chamamos
de normal o que era insuportável.
O corpo não mente.
Mas fala em línguas difíceis.
A dor, às vezes, é notícia atrasada. O tremor, notícia em
tempo real. O cansaço, editorial. O silêncio, coluna de
opinião.
Escutar o corpo não é obedecer a tudo.
É parar de governá-lo como ditadura.
É aprender uma democracia de tecidos, nervos, ossos,
memória, desejo, medo e futuro.
Porque nenhuma cabeça governa sozinha.

A cabeça pode discursar.

Mas é a carne que publica a verdade do regime.

-
- » *a pele é o primeiro arquivo*
 - » *o sintoma é notícia do corpo*
 - » *respirar é publicar no invisível*
 - » *nenhuma cabeça governa sozinha*





DOIS-PONTOS

alguma coisa precisa ser dita



Antes que as palavras durmam

mensagem para N. e G.

Meus pequenos,

escrevo antes que o dia acabe.

Existe uma hora da noite em que a casa fica parecida com um bicho grande dormindo. A geladeira respira. O corredor estala. Um brinquedo esquecido no chão parece guardar o segredo de uma civilização desaparecida.

Vocês dormem.

E, quando vocês dormem, o mundo para de exigir desempenho.

Ninguém pede relatório. Ninguém quer apresentação. Ninguém diz “alinhamento estratégico”. Ninguém usa a palavra entrega como se fosse religião.

Só sobra o pai.

E o pai, coitado, é um adulto que ainda está tentando entender o recreio.

Durante o dia, eu atravesso palavras que não nasceram para abraçar ninguém: meta, prazo, contrato, versão, anexo, evidência, indicador, governança. Palavras de sapato

apertado. Palavras que sabem entrar em reunião, mas não sabem contar história antes de dormir.

À noite, perto de vocês, a língua troca de roupa.

Fica mais simples. Mais antiga. Mais perigosa.

Porque dizer “eu te amo” para uma criança exige mais coragem do que defender uma tese para adultos.

Adultos aceitam disfarces. Crianças percebem.

Vocês percebem quando eu chego cansado. Quando rio pela metade. Quando digo que está tudo bem e alguma coisa em mim ainda procura cadeira. Quando o corpo demora mais do que a vontade. Quando a cabeça ficou presa em algum lugar que não veio para casa comigo.

Por isso escrevo.

Para trazer de volta o que o dia levou.

Escrevo porque há coisas que um pai só consegue dizer quando a casa dorme e ninguém espera dele uma resposta pronta.

Quero que vocês saibam: nem sempre estará tudo bem.

E isso não é uma tragédia.

A gente aprende, com o tempo, que viver não é manter tudo no lugar. É encontrar beleza mesmo quando algumas gavetas internas não fecham mais.

Vocês me ensinaram isso.

Antes de vocês, eu achava que recomeçar era uma decisão adulta: séria, planejada, com alguma planilha escondida. Depois entendi que recomeçar é mais parecido com brincar.

A torre cai. A criança ri ou chora. Depois junta os blocos e levanta outra coisa.

O mundo precisa reaprender isso com vocês.

A levantar outra coisa.

Não uma torre mais alta. Uma casa mais justa.

Não uma máquina mais rápida. Um tempo mais respirável.

Não uma cidade mais esperta. Uma rua onde todos possam voltar para casa.

Não quero deixar para vocês mandamentos.

Mandamento pesa.

Prefiro deixar ferramentas.

Uma caneta para quando a vida pedir assinatura. Um lápis para quando ela permitir rascunho. Uma borracha para lembrar que quase tudo pode ser recomeçado. Uma enxada imaginária para cultivar sentido. Uma pequena fogueira acesa dentro do peito, para que as histórias não passem frio.

Quando eu não estiver por perto, procurem minhas palavras sem muita reverência.

Pai não é monumento.

Pai é, quando muito, uma ponte improvisada sobre um trecho difícil do rio.

Atravessem.

E, quando chegarem do outro lado, não carreguem a ponte nas costas.

Inventem as de vocês.

Com amor, papai.

-
- » *família é letra dando a mão*
 - » *o amor chega, mesmo mancando*
 - » *pai não é monumento*
 - » *deixar ferramentas, não mandamentos*





Sua Majestade, a Caneta

carta para uma menina entrando na tinta

N.,

a cerimônia da caneta se aproxima.

Não sei se vocês ainda chamam assim ou se a escola inventou um nome mais pedagógico, desses que cabem em comunicado com logotipo. Para mim, continuará sendo cerimônia.

Porque há coisas pequenas que são maiores do que parecem.

A primeira caneta é uma delas.

Até agora, o lápis foi teu companheiro de travessia. O lápis é um bicho paciente. Erra junto, apaga junto, volta atrás sem fazer escândalo. O lápis sabe que a infância precisa de borracha por perto.

A caneta, não.

A caneta tem outra personalidade.

É azul, fina, séria, às vezes falha no começo, depois escorre demais quando se empolga. A caneta não esquece com facilidade. Ela escreve como quem assina contrato com a

página.

A caneta é uma pequena autoridade.

Por isso, cuidado com ela.

Não medo.

Cuidado.

Medo paralisa. Cuidado afina a mão.

Quando eu era criança, também olhei para uma caneta como quem olha para um animal desconhecido. Havia naquele objeto uma promessa e uma ameaça. Promessa de escrever como gente grande. Ameaça de errar sem volta.

A gente cresce quando descobre que quase nada é sem volta.

Nem mesmo a tinta.

É verdade: a caneta deixa marca. Mas marca não é sentença. Marca é memória do gesto. Às vezes, o erro que fica no papel ensina mais do que a frase limpinha que a borracha salvou da vergonha.

Aprenda isto cedo, filha:

o erro não é inimigo da inteligência.

O erro é o lugar onde a inteligência, se tiver humildade, aprende a tirar os sapatos antes de entrar.

A folha em branco vai tentar te intimidar.

Não acredite.

Toda folha em branco faz teatro.

Ela se finge de abismo, mas é chão. Se finge de silêncio, mas está cheia de espera. Se finge de pureza, mas aceita café, rasura, desenho, conta, bilhete, coração malfeito, palavra inventada e até aquela frase que a gente escreve sem saber por quê.

A folha aceita quase tudo.

Menos impostura.

Isso talvez seja o mais importante.

Seja com caneta, lápis, teclado, tela ou voz, nunca escreva apenas para parecer inteligente. É uma tentação feia. O mundo está cheio de frases penteadas que não dizem nada.

Escreva para descobrir. Escreva para perguntar. Escreva para agradecer. Escreva para discordar. Escreva para abrir uma janela onde alguém jurou que não havia parede.

A caneta tem uma gravidade bonita.

Mas não entregue a ela toda a solenidade do mundo.

Guarde um pouco do lápis.

A leveza do lápis. A coragem de tentar. A liberdade de rabiscar antes de saber. A alegria irresponsável de desenhar uma casa torta e chamar aquilo de futuro.

O equilíbrio é esse: usar a caneta com rigor sem expulsar o lápis de dentro da mão.

Porque crescer não deveria ser abandonar a fantasia.

Deveria ser aprender a protegê-la melhor.

Quando tua mão encostar na caneta pela primeira vez,
talvez ninguém perceba a grandeza do acontecimento.
Talvez haja barulho na sala. Talvez alguém peça silêncio.
Talvez o estojo caia. Talvez a professora explique a regra.
Talvez você pense apenas na tinta azul.

Mas eu, daqui, saberei.

Uma menina estará entrando no território das marcas.

E eu desejo que você entre sem pavor.

Com pulso firme, sim. Com ideias organizadas, às vezes. Com
dúvida, sempre que for preciso. Com a delicadeza de quem
sabe que escrever é tocar o mundo sem machucá-lo de
graça.

Use a caneta.

Mas não deixe que ela vire polícia.

A vida já terá policiais demais tentando fiscalizar tua
imaginação.

Com orgulho,

papai.

-
- » *o lápis perdoa; a caneta lembra*
 - » *a folha em branco faz teatro*
 - » *erro é memória do gesto*
 - » *crescer é proteger melhor a fantasia*





As letras dão as mãos

carta para um menino que descobriu a cursiva

G.,

a vida é feita de fases.

Ou levels, como nos jogos que você gosta.

Algumas fases são fáceis só para enganar. A gente passa sorrindo, pega moeda, pula buraco pequeno, acha que entendeu o mundo. Depois vem uma fase escura, com chefão, labirinto, plataforma que desaparece e aquele tipo de música que avisa: agora complica.

A vida também muda a música.

Às vezes, o desafio aumenta. Às vezes, muda apenas de forma. Às vezes, a gente descobre que o botão certo não era força, era paciência.

Você vai aprender isso muitas vezes.

Eu ainda estou aprendendo.

Hoje pensei em você por causa das letras.

Você está naquele momento bonito em que as letras deixam de andar separadas e começam a dar as mãos. A escrita

cursiva é uma invenção comovente: uma letra encosta na outra para atravessar o sentido.

O “a” chama o “m”. O “m” chama o “o”. O “o” chama o “r”.

E, quando a gente percebe, a palavra já está andando sozinha pela página.

Família é um pouco isso.

Ninguém aqui é igual.

Cada um tem seu desenho, sua manha, sua curva, seu tamanho, seu jeito de ocupar a linha. Mas, quando damos as mãos, alguma coisa que não existia começa a escrever seu próprio nome.

Nós quatro somos uma palavra comprida.

Nós cinco, se a Pituca entrar correndo no meio da frase.

E ela sempre entra.

O vovô, no quintal de Pirenópolis, gosta de manejar a enxada.

A enxada abre a terra.

Parece simples, mas não é.

Abrir a terra é conversar com o que ainda não apareceu. É confiar que uma semente, sendo quase nada, pode guardar uma árvore inteira em silêncio.

O lápis faz parecido.

Com a enxada, plantamos comida. Com o lápis, plantamos letras.

Conhecimento também alimenta.

E, nesse caso, a gula não faz mal.

Leia muito. Pergunte muito. Desconfie um pouco de respostas fáceis. Toda resposta fácil demais pode ser só uma fase bônus escondendo uma armadilha.

Mas também não complique por vaidade.

Há pessoas que transformam tudo em labirinto para parecerem profundas. Profundidade de verdade nem sempre faz discurso. Às vezes, ela apenas rega uma planta no fim da tarde.

A escrita vai te ajudar a passar de fase.

Não porque ela resolva tudo.

Não resolve.

Mas ela organiza a mochila.

Quando o medo estiver grande, escreva. Quando a alegria estiver pulando, escreva. Quando sentir raiva, escreva antes de quebrar alguma coisa que talvez não mereça. Quando não souber o que está sentindo, escreva para descobrir.

Escrever é acender uma lanterna por dentro.

Nem sempre mostra o caminho inteiro.

Mas já ajuda a não tropeçar no mesmo canto.

E lembre:

pedir ajuda não é perder o jogo.

Tem fase que não se passa sozinho.

O jogador que aprende a cooperar descobre mapas que a competição nunca mostra.

A vida não é só vencer.

Às vezes, é voltar para buscar quem ficou preso na fase anterior.

Vamos juntos.

De mãos dadas com as letras. De mãos dadas com a vida.

Com amor,

papai.

» *uma letra chama a outra*

» *conhecimento também alimenta*

» *pedir ajuda não é perder o jogo*

» *família é palavra comprida*



A menina que pintou o mundo de novo

conto mínimo para uma filha que chegou com as cores

Era uma vez uma menina que não cabia em um nome só.

Às vezes era N. Às vezes Naninha. Às vezes pipoca. Às vezes furacão. Às vezes sapeca. Às vezes silêncio raro no sofá, com os olhos trabalhando por dentro.

Ela tinha muitos nomes porque tinha muitos climas.

Havia manhãs em que acordava verão. Tardes em que virava tempestade. Noites em que se recolhia feito lua atrás de nuvem.

Quando nasceu, encontrou o pai meio desbotado.

Não era tristeza exatamente.

Era uma cor gasta.

O tipo de cor que os adultos vão perdendo aos poucos, sem perceber: numa fila, numa conta, numa notícia ruim, num e-mail respondido tarde demais, numa promessa que ficou para depois, num sonho que aprendeu a ficar quieto para não atrapalhar o orçamento.

O pai ainda funcionava.

Adultos desbotados funcionam.

Tomam banho. Pagam boletos. Respondem mensagens. Dizem “está tudo bem” com uma competência quase criminosa.

Mas funcionam sem brilho.

A menina percebeu.

Bebês percebem coisas que os filósofos demoram bibliotecas para nomear.

Então ela fez o que as meninas mágicas fazem: não explicou nada.

Apenas chegou.

Chegou com cheiro de começo. Com mão pequena. Com choro inaugural. Com um tipo de presença que bagunçava os móveis invisíveis da casa.

O pai olhou.

E, sem aviso, o mundo começou a receber tinta.

Primeiro voltou o amarelo.

Não o amarelo oficial, de semáforo ou planilha destacada. Um amarelo de luz entrando pela fresta da cortina. Um amarelo de mamão cortado no café da manhã. Um amarelo de desenho feito fora da linha.

Depois veio o azul.

Azul de banho. Azul de roupa pequena secando no varal.
Azul de céu visto com uma criança no colo, que é um céu diferente, mais baixo e mais antigo.

Depois o vermelho.

Vermelho de bochecha. De febre. De susto. De amor quando passa correndo pela sala e quase derruba a mesa.

Depois o verde.

Verde de planta que alguém esqueceu de regar e, mesmo assim, insistiu. Verde de recomeço. Verde de “talvez ainda dê”.

A menina pintava sem pincel.

Pintava perguntando. Pintava rindo. Pintava ficando doente de madrugada e obrigando o pai a descobrir que amor também é vigília. Pintava errando palavra. Pintava dormindo torta. Pintava dizendo coisas que não sabiam que eram poemas.

O pai, suspeito como todo pai, começou a acreditar que ela tinha poderes.

E tinha.

O poder de recolorir o que a vida adulta havia deixado em preto e branco.

Mas a menina não salvou o pai.

Criança nenhuma deve carregar essa tarefa absurda.

Ela apenas lembrou a ele que o mundo ainda aceitava cor.

E isso já era milagre suficiente.

Hoje, quando ela passa, alguma coisa no ar muda de filtro.

Não desses filtros de aplicativo, que melhoram a imagem mentindo.

Um filtro de presença.

Aquele que não esconde a realidade.

Só devolve a ela a coragem de brilhar um pouco.

» *criança nenhuma deve salvar adulto*

» *ela apenas devolveu cor ao mundo*

» *amor também é vigília*

» *o começo tem cheiro próprio*





Quando a vontade cria asas

carta sobre autonomia, queda e prudência

N. e G.,

vocês estão aprendendo a voar.

Não de uma vez.

Ninguém voa de uma vez, a não ser nos desenhos e em certos discursos motivacionais que deviam pedir desculpas às aves.

O voo começa muito antes do céu.

Começa no primeiro passo torto. Na primeira queda. Na primeira colher segurada com teimosia. Na primeira vez em que a criança diz “eu faço” e o adulto precisa controlar a vontade de impedir o desastre.

Cuidar também é aprender a não segurar demais.

Essa é uma das matérias difíceis da paternidade.

A gente quer proteger.

Mas proteção, quando exagera, vira gaiola com boa intenção.

E ninguém aprende a voar dentro da gaiola, por mais confortável que ela seja.

Autonomia é uma palavra bonita, mas costuma ser maltratada.

Muita gente acha que autonomia é não precisar de ninguém. Não é.

Isso se chama solidão fantasiada de competência.

Autonomia nunca é absoluta. Depende do corpo, da casa, da escola, do dinheiro, da cultura, da cidade, da sorte, da saúde, do tempo, das pessoas que nos cercam e das oportunidades que abriram ou fecharam portas antes mesmo de nascermos.

Só é verdadeiramente autônomo quem sabe que não está sozinho no mundo.

Ser autônomo não é virar ilha.

É aprender a ser ponte sem desabar.

É saber escolher, sim. Mas também saber pedir ajuda. Saber dizer não. Saber esperar. Saber reconhecer o limite. Saber que cada pessoa, cada bicho, cada árvore, cada rio participa do equilíbrio de tudo.

O mundo vai tentar vender a vocês uma autonomia agressiva.

Uma autonomia de vitrine: seja seu próprio chefe, vença sozinho, destaque-se, supere todos, não dependa de ninguém, transforme-se em marca.

Desconfiem.

Marca não abraça.

Marca não segura a mão na febre. Marca não ri da piada sem graça. Marca não aparece com sopa. Marca não sabe o nome do medo.

O discernimento é irmão da prudência.

E os dois são bons amigos da autonomia.

Perder o medo de cair talvez seja a penúltima etapa antes de aprender a voar.

A última é calcular a altura.

Ícaro **tinha** vontade, tinha asas, tinha céu.

Faltou juízo.

Não basta à vontade ter asas.

Precisa ter escuta.

O desejo é lindo, mas não deve dirigir sozinho.

Há precipícios que confundem coragem com vaidade. Há riscos necessários. Há riscos idiotas. Há riscos que ensinam.

Há riscos que apenas cobram caro por uma lição barata.

Que vocês saibam diferenciar.

E, quando não souberem, perguntem.

Às vezes, perguntar é a forma mais elegante de não cair.

Encarem a vida, por mais rotineira que seja, como aventura.

Não aventura de comercial, com gente bonita no topo da montanha usando casaco impermeável.

Aventura de verdade.

A de acordar sem saber o que o dia vai pedir. A de fazer amizade. A de aprender algo difícil. A de pedir perdão. A de mudar de ideia. A de defender alguém. A de descobrir que o mundo é maior do que a nossa vontade.

Cada novo dia é uma história ainda não escrita.

Enquanto houver sol, prefiram as telas em branco.

Preenchem com as cores de vocês.

Não deixem que ninguém escolha a paleta inteira.

Com amor,

papai.

» *autonomia não é ilha*

» *proteção demais vira gaiola*

» *não basta à vontade ter asas*

» *cada dia é uma história sem tinta ainda*





RETICÊNCIAS

o que continua depois da gente

Sobre histórias, fogueiras e gentes

invocação para não deixar a memória passar frio

Contar uma história é pôr lenha numa fogueira que já estava acesa antes do nosso nome.

Ninguém inventa o fogo.

A gente apenas se aproxima, aquece as mãos e tenta não deixar apagar.

Antes do livro, havia roda. Antes da página, havia boca. Antes da assinatura, havia uma voz dizendo para outra: escuta.

A história sempre foi uma tecnologia de permanência.

Não dessas que prometem atualização automática e depois pedem senha no pior momento. Uma tecnologia mais antiga. Mais perigosa. Mais viva.

A história atravessa corpo.

Entra pelo ouvido. Mexe no peito. Acende lembrança. Organiza medo. Ensina sem parecer aula. Fere sem parecer faca. Cura sem prometer cura.

Uma história boa não explica o mundo.

Aproxima a cadeira.

Diz:

senta aqui, vamos olhar juntos para esse escuro.

Talvez a humanidade tenha começado assim: alguém sentiu medo da noite e outro alguém inventou uma narrativa para que o medo não ficasse sozinho.

Depois vieram mitos, cantos, rezas, genealogias, epopeias, fofocas, romances, relatórios, threads, notas de celular.

Mudaram os suportes.

A fome de sentido continuou.

Toda família tem suas histórias.

Algumas são contadas sempre do mesmo jeito. Outras mudam conforme quem lembra. Outras são proibidas, e por isso fazem barulho dentro do armário. Outras só aparecem quando alguém morre. Outras parecem pequenas, mas sustentam a casa inteira.

A história do avô. A história da viagem. A história da doença. A história do quase. A história do cachorro. A história do nome. A história daquele dia em que tudo parecia perdido e, de algum jeito, a manhã seguinte veio.

Quando contamos, não estamos apenas lembrando.

Estamos distribuindo ferramentas.

Uma história pode ser faca, cobertor, bússola, semente,
espelho, remédio, alarme, ponte.

Depende de quem conta. Depende de quem escuta. Depende
do fogo.

Há histórias que salvam.

Há histórias que aprisionam.

Por isso contar também exige responsabilidade.

Nem toda memória deve virar espetáculo. Nem toda dor
deve virar conteúdo. Nem todo segredo nos pertence
sozinho.

A fogueira ilumina.

Mas também pode queimar.

A boa narrativa sabe cuidar da chama.

Este livro talvez não seja mais que isso: um punhado de
gravetos recolhidos no caminho.

Alguns vieram da cidade. Outros do trabalho. Outros do
corpo. Outros da família. Outros de tecnologias que
piscavam no escuro. Outros de palavras que me
encontraram quando eu fingia estar ocupado demais para
ouvi-las.

Juntei tudo.

Não para explicar a vida.

Para aquecer a travessia.

Porque memória, quando não encontra fogueira, vira cinza dispersa.

E eu queria deixar alguma brasa.

Não monumento.

Brasa.

Monumento endurece.

Brasa continua pedindo cuidado.

-
- » *ninguém inventa o fogo*
 - » *história é tecnologia de permanência*
 - » *contar também é cuidar da chama*
 - » *deixar brasa, não monumento*





Pequeno inventário do que fica

Fica o café frio.

Fica a caneta sem tampa.

Fica uma criança perguntando se estrela dorme.

Fica o corpo mandando notícia.

Fica a cidade errando a própria frase.

Fica o trabalho, esse cachorro que não para de puxar a guia.

Fica a planilha com uma aba escondida chamada cansaço.

Fica a reunião que devia ter sido silêncio.

Fica o silêncio que devia ter sido escutado.

Fica a Rodoviária sustentando a tese.

Fica o céu de Brasília expondo o poder.

Fica o vento ensinando sem explicar.

Fica o dado fugindo de volta para o corpo.

Fica a máquina ajudando a varrer a casa, mas sem direito de expulsar os fantasmas.

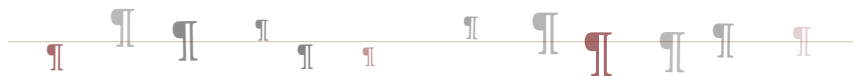
Fica o lápis.

Fica a caneta.

Fica a borracha lembrando que quase tudo pode ser
recomeçado.
Fica a enxada abrindo a terra.
Fica a letra dando a mão.
Fica a menina devolvendo cor ao mundo.
Fica o menino atravessando fases.
Fica o pai tentando escrever antes que as palavras durmam.
Fica o amor, mancando, mas chegando.
Fica a frase que ninguém pediu.
Fica a nota de celular que criou raiz.
Fica o tremor.
Fica a dança.
Fica o recibo do dia.
Fica, sobretudo, a tentativa.
E talvez tentativa seja o nome mais honesto da esperança.

-
- » *o amor chega, mesmo mancando*
 - » *esperança talvez seja tentativa*
 - » *a vida deixa segunda via*
 - » *nada termina quando vira cuidado*





Nota sobre máquinas, cortes e responsabilidade

Este livro nasceu de diários, fragmentos, canções, cartas e anotações escritas ao longo de dias comuns e dias impossíveis.

Em sua edição, foram usadas ferramentas de inteligência artificial como interlocução crítica: para organizar materiais, testar estruturas, sugerir cortes, aproximar ritmos e provocar novas leituras.

Nenhum trecho foi aceito sem curadoria, reescrita e responsabilidade humana.

A máquina não viveu o que está aqui.

A máquina não amou. Não adoeceu. Não trabalhou. Não esperou os filhos dormirem para escrever. Não sentiu o corpo falhar. Não ficou diante da cidade tentando entender onde colocar uma vírgula.

A autoria permanece no gesto de escolher o que fica, o que cai, o que sangra e o que canta.





Sobre Ponto Imaginário

Ponto Imaginário não é exatamente uma pessoa.
É uma assinatura que abriga muita gente — a do pai,
a do funcionário, a do menino antigo, a da cidade que
buzina, a da máquina que devolve espelhos.

Vive entre o trabalho, o corpo e a família.
Não acredita em obras fechadas.
Assina para desaparecer um pouco melhor.

Contato

info@pontoimaginario.com

www.pontoimaginario.com

